

## INTERSEÇÕES ENTRE A BELEZA DAS EXATAS E DAS HUMANAS: UMA ENTREVISTA COM CELSO COSTA

INTERSECTIONS BETWEEN THE BEAUTY OF THE SCIENCES AND THE HUMANITIES: AN INTERVIEW WITH CELSO COSTA

**Celso José da Costa<sup>1</sup>, Kátia Nazareth Moura de Abreu<sup>2</sup>, Simone Maria Bacellar Moreira<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
<https://orcid.org/0009-0000-9910-4456>  
[celsocosta@id.uff.br](mailto:celsocosta@id.uff.br)

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-8505-4512>  
[kabreu00@gmail.com](mailto:kabreu00@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
<https://orcid.org/0009-0005-5527-3908>  
[simonetrales@yahoo.com.br](mailto:simonetrales@yahoo.com.br)

*Entrevista concedida em 19.09.2024.*

Nesta entrevista, conversamos com Celso José da Costa, matemático brasileiro de renome internacional e vencedor do Prêmio LeYa 2022 com o romance *A Arte de Driblar Destinos*. Reconhecido pela descoberta da superfície que leva seu nome, a Superfície Costa, Celso construiu uma carreira de destaque no universo científico. No entanto, sua trajetória foi além da matemática. Após a aposentadoria, ele encontrou na escrita literária uma nova forma de expressão, transformando reflexões íntimas em um romance aclamado. Escrito sob o pseudônimo Fagundes Andrade, *A Arte de Driblar Destinos* combina elementos autobiográficos e ficcionais, oferecendo um olhar sensível e crítico sobre a realidade social do interior do Brasil. Durante a conversa, Celso compartilha os detalhes da transição de uma carreira acadêmica consolidada para a literatura, abordando os paralelos entre essas duas áreas e as influências que moldaram seu estilo. Além de refletir sobre os desafios e prazeres de transitar entre a matemática e a literatura, Celso destaca o papel transformador da leitura em sua vida e na formação de sua escrita. Essa entrevista revela como criatividade, sensibilidade e rigor podem coexistir, conectando mundos que, à primeira vista, parecem tão distintos.

**Entrevistadoras** - *Prof. Celso, você tem uma trajetória impressionante, passando por áreas como medicina, engenharia e, finalmente, matemática, onde alcançou um feito que poucos conseguem. Você é reconhecido entre os maiores matemáticos vivos do Brasil. O que o motivou, após a aposentadoria, a começar a escrever literatura? Sabemos que você já produzia textos mais pessoais, que não foram publicados, mas como foi esse processo de transição para a escrita literária? Enfim, o que o inspirou a escrever seus livros?*

**Celso José da Costa** - Minha relação com a literatura foi diferente daquela com a matemática. Enquanto a matemática surgiu com o incentivo de professores e minhas facilidades durante o processo de aprendizado, a literatura foi influenciada por meu

pai, que era um contador de histórias excepcional. Ele narrava com riqueza de detalhes, criando cenas vivas. Minha mãe também contava histórias, mesmo sendo uma pessoa com pouca instrução formal. Sua narrativa trazia tradições orais antigas. Esse ambiente influenciou minha escrita, e é visível em meu livro *A Arte de Driblar Destinos* (Costa, 2024).

Na adolescência, comecei a ler literatura. No ensino médio, fui influenciado por amigos existencialistas, e mergulhei em autores como Sartre, Kierkegaard, além de Cortázar, Carlos Fuentes e Vargas Llosa. Também me aventurei a escrever poesias, mas com o tempo, essa prática se perdeu. Contudo, sempre tive um olhar atento para os detalhes do cotidiano, o que enriqueceu minha capacidade de observação literária. Nos lugares por onde passei, sempre percebi aspectos que geralmente não eram muito notados, aquele lado menos visível, e fazia observações que saíam um pouco do *script*. Essa percepção se manifestava como uma forma de literatura oral.

Em determinado momento, enquanto era diretor do Instituto de Matemática e Estatística da UFF, escrevi alguns contos, que estão guardados comigo, embora não tenham valor significativo, a não ser para me ajudar a revisitar uma fase da minha vida. Além disso, na época do meu doutorado em matemática, quando morei em Santa Tereza, vivi uma época bastante efervescente em termos de experimentação, pois dividia o espaço com um grupo de músicos e outro de teatro, transformando aquela república em um ambiente muito dinâmico.

À época da direção do Instituto, decidi escrever um livro que misturasse literatura e matemática. Assim nasceu *A Vida Misteriosa dos Matemáticos* (Costa, 2018), resultado de quatro anos de pesquisa sobre os grandes matemáticos, desde o século V a.C. até o presente. Esse projeto foi inspirado pelas lendas associadas a essas figuras, como a história de Newton e a maçã ou Arquimedes e seu grito de "Eureka!". Durante esse período, também comecei a trabalhar com autoficção, influenciado pela tendência contemporânea de escrita pessoal, como a obra de Annie Ernaux, vencedora do Prêmio Nobel. A partir disso, desenvolvi *A Arte de Driblar Destinos* (Costa, 2024), baseado nas minhas memórias de infância. Utilizei uma técnica de gravação oral das histórias, que depois foram transcritas e organizadas em capítulos. O desafio foi transformar essas lembranças em narrativa literária, mas o resultado reflete minha paixão pela literatura, que caminhou em paralelo com minha dedicação à matemática.

**Entrevistadoras** - *Você mencionou sua tentativa de se expressar por meio da escrita e mostrou seus diários e poesias. A pergunta para você é: publicar ou ser lido?*

**C. J. da C.** - Acredito que essas duas coisas estão interligadas. Para ser lido, você precisa ser publicado, e isso geralmente envolve uma editora que consiga disponibilizar seu livro em livrarias, o que é extremamente importante.

**Entrevistadoras** - *Você pensou em um perfil de leitor para suas obras?*

**C. J. da C.** - Sabe, eu vejo isso como um dos possíveis defeitos da minha trajetória. Sempre me disseram que eu não deveria me preocupar em imaginar quem seria o leitor, que eu deveria escrever o que sentisse, e que se o que escrevesse fosse relevante, leitores leriam. No entanto, por exemplo, em *A Vida Misteriosa dos Matemáticos* (Costa, 2018), escrevi pensando especificamente nos matemáticos e nos estudantes de matemática.

Quanto ao livro atual, demorei quatro anos para chegar ao manuscrito final. E, decidi simplificar, focando apenas na história do interior, embora isso não tenha sido tão fácil, pois havia muito a considerar. Após revisar, mantive algumas histórias que estavam nesse livro, mas com um pouco mais de conteúdo e sem idealizar um leitor em especial. Enviei o manuscrito para uma leitura crítica ao Jacques Fux, um escritor de Belo Horizonte. Quando ele leu, elogiou o manuscrito, mencionando que era o melhor trabalho que tinha visto até então, embora também tenha feito algumas críticas.

**Entrevistadoras** - *E essa ideia de misturar o acadêmico com o pessoal, de alguma forma foi difícil para você fazer?*

**C. J. da C.** - Foi bastante, porque são dois mundos que, embora façam parte de quem eu sou, nem sempre dialogam de forma natural em uma narrativa. No começo eu queria contar tudo, mesclar a matemática com a minha vida pessoal, mas percebi que estava contando duas histórias diferentes e isso não fluía bem. Foi só quando resolvi focar mais nas histórias do interior que as coisas começaram a se encaixar. Claro,

ainda mantenho uma conexão com a minha carreira, mas ela não é mais o foco principal.

**Entrevistadoras** - *E o que foi que te levou a decidir pelo Prêmio Leya? A intuição do Jacques, como você mencionou?*

**C. J. da C.** - Sim, o Jacques me incentivou muito a tentar o Prêmio Leya. Ele achava que o livro tinha potencial, mas, para mim, foi mais uma questão de tentar dar uma visibilidade maior ao trabalho. Afinal, como escritor independente, eu sabia que a publicação em uma editora maior abriria portas que eu talvez não conseguisse sozinho. Então pensei: por que não tentar? Mande o manuscrito, fiz algumas mudanças após a leitura crítica, e foi assim que a coisa começou a tomar uma nova forma.

**Entrevistadoras** - *Você mencionou que foi importante trazer uma "entrada com impacto" para o livro. Como foi o processo de escolha desse ponto de partida?*

**C. J. da C.** - Eu queria algo que refletisse a alma da história, algo que capturasse o leitor de imediato. Depois de muitas tentativas, optei por começar com a narrativa de Ribeirão do Engano, lugar em que as coisas realmente acontecem. Não adianta começar pela defesa de tese ou pelos momentos acadêmicos, que podem parecer distantes para o público geral. Eu quis aproximar o leitor da minha essência, da minha origem, daquilo que me fez ser quem sou. A história do interior tinha esse poder de criar uma conexão mais imediata.

**Entrevistadoras** - *Notamos uma diferença significativa em sua escrita e linguagem entre o primeiro livro e este. Houve uma mudança intencional em seu estilo? Você aprofundou seus estudos ou adotou novas abordagens ao escrever esta obra?*

**C. J. da C.** - Bom, certamente houve uma evolução da linguagem que é em função também das próprias leituras que a gente faz. E também acho que o tipo de assunto já fornece um pouco mais, porque eu acho que a *Vida Misteriosa dos Matemáticos*

(Costa, 2018) tende a folclorizar as questões ao encenar algumas situações dramáticas ou pícaras para dar mais sabor à narrativa.

**Entrevistadoras** - *Tem uma inspiração de Wood Allen no primeiro livro?*

**C. J. da C.** - Sim, Wood Allen foi uma das inspirações, com o filme *Meia-noite em Paris* (2011). Também o livro *Aleph* do Jorge Luis Borges (2008). Mas agora na linguagem da *Arte de Driblar Destinos* (Costa, 2024) consegui inserir no texto, em algumas passagens, uma narrativa poética. Especialmente, por exemplo, nos capítulos sobre o Sertão do Ribeirão do Engano, época que eu nem existia. Só existia o homem que seria o meu avô, que chegou lá como uma espécie de bandeirante. Quando vou descrever o lugar, na condição de narrador em primeira pessoa, expresso desse modo as minhas lembranças: “São histórias antigas, polidas pelo tempo. Quando as ouvi e pude entender, já se assemelhavam às pedras do fundo de um rio, lisas e brilhantes, moldadas pela correnteza das águas perenes e incessantes”. Assim como as pedras, que nem sempre estiveram no rio e acabam encontrando ali um ponto de repouso, movidas pelas intempéries, as histórias percorrem um longo caminho até atingirem uma forma mais suave e polida. A água as transforma, tornando-as tão densas e essenciais quanto as pedras moldadas ao longo do tempo.

**Entrevistadoras** - *Como estamos falando sobre linguagem, gostaria de destacar um aspecto do seu livro que me chamou a atenção e que acredito que seja especialmente interessante para nós, professores de língua e literatura: a simbologia em torno da caneta. Há uma dimensão poética e simbólica nesse objeto que achei fascinante. Confesso que percebi esse detalhe apenas posteriormente, ao revisitar o texto. No momento que você encontra a caneta destruída no meio do caminho, percebo uma forte carga simbólica que você talvez deseja representar. Ao pegar aquela caneta danificada, que foi atropelada por uma carroça, você também destaca a importância da escrita, que, por sua vez, está ligada à importância da sua mãe. Poderia comentar um pouco mais sobre isso e confirmar se essa interpretação estaria correta?*

**C. J da C.** - É isso e é outra coisa também. Porque é aquilo que a gente estava conversando anteriormente sobre a colaboração que o leitor tem ao ler uma obra. A

literatura é muito interativa nesse ponto. Então, ela é uma obra em construção, porque um leitor lê uma coisa, outro leitor lê outra coisa e aí vai... as camadas vão se revelando, porque existe uma coisa visível, mas existem muitas camadas ainda invisíveis. Então, eu acho que a caneta tem essa simbologia de progresso nos estudos. Porque lá naquele momento você não podia usar as canetas tinteiro. Porque a caneta Bic não tinha surgido ainda. Não era qualquer aquela caneta do desastre. Era uma caneta tinteiro Parker 51 e, de alguma maneira, eu a peguei escondida do meu tio. Aliás, o meu tio ainda é vivo. Eu estive com ele no interior do Paraná recentemente.

**Entrevistadoras** - *Você mencionou que um leitor crítico o incentivou a enviar seu manuscrito para o prêmio. Foi uma surpresa para você ganhar, ou você achava que tinha chances de vencer? Quando submeteu, pensou que poderia ganhar ou achou que havia muitos outros livros bons e escritores?*

**C. J da C.** - Jacques Fux me incentivou a enviar o manuscrito. Quando enviei o manuscrito, havia uma esperança de vitória. Jacques mencionou que meu livro tinha um perfil adequado. Naquele momento, percebi que, se não ganhasse com aquele livro, talvez nunca ganhasse com nada, pois acreditava ter alcançado um ponto de excelência na escrita. Contudo, sabia que a competição seria difícil, pois posteriormente soube que havia 256 livros concorrendo de vários países. A Leya não publica os classificados, ao contrário de outras editoras. O anúncio dos cinco finalistas é feito na cerimônia de premiação, o que tornou a vitória uma genuína surpresa para mim.

Eu recebi um telefonema sem esperar nada. Apenas vi o número e, ao atender, fui informado de que meu romance, *A Arte de Driblar Destinos* (Costa, 2024), havia ganhado o prêmio. Era Manoel Alegre, importante poeta português, anunciando. Ele parabenizou-me e avisou que os jornalistas viriam me procurar. De fato, recebi uma ligação de um correspondente português aqui no Rio de Janeiro, e combinamos uma entrevista. Foi um momento muito especial, em novembro de 2022. Em maio de 2023, viajei a Portugal para receber o prêmio na Feira do Livro.

**Entrevistadora** - *Agora, uma provocação: em meio a toda essa repercussão, você esperava receber tantos contatos da imprensa? Alguma situação em particular lhe surpreendeu?*

**CJ da C.** - Sempre existem surpresas. A Leya possui uma estrutura muito forte e o prêmio Leya é bastante relevante em Portugal, logo abaixo do Prêmio Camões, considerado o máximo. Quando cheguei lá, não me recordo exatamente, mas acho que havia cerca de 23 entrevistas agendadas, tanto na televisão quanto no rádio. A maioria foi realizada no hotel onde eu estava hospedado, o que facilitou. No dia da entrega do prêmio, um locutor de rádio me entrevistou e leu um trecho do meu livro, o que me emocionou bastante. As perguntas que mais despertavam interesse eram sobre como um matemático estava participando desse evento literário, uma vez que ao revelarem meu nome verdadeiro, descobriram minha trajetória na matemática.

**Entrevistadoras** - *Você mencionou que sentia que tinha alcançado o máximo com aquele livro. Você ainda mantém esse sentimento?*

**C J da C.** - Sim, aquele sentimento persiste. Estou escrevendo um novo livro e, embora tenha submetido para leitura crítica, recebi feedback misto. Acredito que ainda tenho trabalho a fazer nesse novo livro, pois creio ter avançado na técnica, desde a publicação do anterior. Uma das experiências que tive foi participar de cursos de escrita criativa, onde um autor renomado, Joca Terron, orienta os participantes a apresentarem 15 páginas de seus trabalhos. Na discussão, as pessoas apontaram a falta de conflitos na minha narrativa e fizeram comentários sobre as metáforas que utilizei, o que me levou a refletir sobre a linguagem e a fluidez da linguagem.

Escrever e alcançar patamares mais altos de qualidade, só se consegue através de um aprendizado contínuo. É preciso burilar continuamente o texto; momento em que acontece o processo doloroso de cortar partes do que já está escrito. Por exemplo, antes de enviar meu manuscrito de *A Arte de Driblar Destinos* (Costa, 2024) para concorrer ao prêmio LeYa, cortei dois capítulos. Um deles era um episódio em que meu pai se envolveu com um circo e se tornou um atirador de facas. Depois de vencer o prêmio, lamentei ter retirado o episódio. Julguei que o trecho era ótimo,

acrescentaria beleza e valor à narrativa. Mas aí a água já tinha passado por baixo da ponte.

**Entrevistadoras** - *O que você está criando agora?*

**C. J da C.** - O novo livro, intitulado *A Geometria do Chapéu do Sambista* (Costa, no prelo), está passando por várias mudanças. O início já foi reescrito algumas vezes, pois estou tentando encontrar a melhor forma de abordar o tempo na narrativa. Um dos começos considerava minha viagem de Curitiba ao interior do Paraná para discutir com meus pais sobre a escolha de deixar a Medicina e a Engenharia. Sinto que esse episódio possui forte impacto como ponto de partida e gostaria de explorá-lo de maneira eficaz.

**Entrevistadoras** - *Por fim, gostaríamos de saber como prefere ser apresentado atualmente: como um dos grandes matemáticos ou como um grande autor de literatura? Como você enxerga essa dualidade em sua trajetória? De que forma lida com essa ambiguidade? Essa questão lhe causa algum desconforto?*

**C. J. da C.** - A matemática ainda é uma presença importante para mim, muito presente nos meus livros, embora pareça estar ganhando uma nova forma em minha vida, menos intensa do que no passado. Em relação à produção literária, reconheço que sou um iniciante, estou dando os primeiros passos nessa área. Temos, aliás, uma verdadeira plêiade de autores brasileiros contemporâneos que são extraordinários.

## REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. **O Aleph**. Companhia das Letras. 2008.

COSTA, C. **A vida misteriosa dos matemáticos**. Editora Kazuá. 2018.

COSTA, C. **A arte de driblar destinos**. Fósforo Editora. 2024.

COSTA, C. **A Geometria do Chapéu do Sambista**. (No prelo).

MEIA-NOITE em Paris. Direção: Woody Allen. Produção: Letty Aronson; Stephen Tenenbaum; Jaime Roures. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2011.



## Sobre os autores

### **Celso José da Costa**

Possui mestrado e doutorado em Matemática pelo IMPA – Rio de Janeiro. Foi professor visitante durante três anos na Universidade de Chambéry-França e na Universidade de Grenoble - França. Em 1998 foi condecorado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia com a ordem nacional do mérito científico. Desde 1999 é membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Sua área de pesquisa em Matemática é a geometria diferencial, em especial a teoria das superfícies mínimas. Em 1982 descobriu as equações de uma superfície mínima que atualmente leva o nome de Superfície Costa. A descoberta resolveu um problema aberto na área com 206 anos de existência. Em 2018 publicou o livro de ficção científico-literária “A vida misteriosa dos matemáticos”. Em 2022 seu romance “A arte de driblar destinos” foi agraciado com o prêmio LeYa. O romance em questão foi publicado em Portugal em 2023 pela editora LeYa, e em 2024 no Brasil pela editora Fósforo.

### **Kátia Nazareth Moura de Abreu**

Professora Associada de Linguística no Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UERJ) e do Mestrado Profissional em Letras (UERJ). É líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Psicolinguística Educacional (UERJ-CNPq) e membro (pesquisador) do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores, linguagens e justiça social” (UERJ-CNPq). É pesquisador no Laboratório de Psicolinguística Experimental (UFRJ) e professor colaborador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Teórica e Experimental da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Linguística pela UFRJ e Mestre em Linguística pela UFRJ. Foi bolsista CNPq em estágio de pós-doutorado no Laboratório de Psicolinguística Experimental da UFRJ. Pesquisa e orienta pesquisas sobre leitura, avaliação da compreensão leitora e ensino de gramática.

### **Simone Maria Bacellar Moreira**

Doutora em Estudos Linguísticos pela UFF. Professora no Departamento de Letras e do Programa do Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP) e do Programa de Pós-Graduação Profletras (UERJ/FFP). Atuação nas áreas de Formação de Leitores, Letramentos e Leitura. Membro do Grupo de Pesquisa "Linguagem e Sociedade" (CNPq-UERJ) e do "Formação de professores, linguagens e justiça social" (CNPq-UERJ). Coordenadora do Projeto de Prodência “Círculos de Letramento – Narrativas de Vivência” da UERJ-FFP. Coordenadora de Área de Língua Portuguesa do PIBID UERJ/FFP (2024 – 2026).